

**AS MULHERES RURAIS, ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E AUTONOMIA A
PARTIR DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS NO CARIRIR CEARENSE**
*RURAL WOMEN, PRODUCTIVE ORGANIZATION AND AUTONOMY FROM
AGROECOLOGICAL BOOKLETS IN CARIRIR CEARENSE*

Autor: **Mateus Fernandes Barbosa das Neves**

Filiação: Graduando em Agronomia - UFCA

E-mail: mateus.neves@aluno.ufca.edu.br

Autor: **João Roberto Pereira dos Santos**

Filiação: Graduando em Agronomia - UFCA

E-mail: joão.roberto@aluno.ufca.edu.br

Autora: **Ana Lúcia Monteiro de Sousa**

Filiação: Doutoranda do programa de Pós Graduação em Extensão Rural - UFSM

E-mail: ana.monteiro@acad.ufsm.br

**Grupo de Trabalho (GT): GT10. Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e
dinâmicas de consumo**

Resumo

O presente artigo analisa a organização produtiva como forma de promover a autonomia das mulheres agricultoras da região do Cariri cearense. O objetivo foi verificar os resultados das cadernetas agroecológicas como ferramenta de acesso a canais de comercialização e o nível de inepedência da mulher agricultora. Para realização desse artigo foram analisadas planilhas provenientes das Cadernetas Agroecológicas que representam a finalidade e o valor da produção das onze participantes durante um trimestre. Como recorte de estudo, por conveniência e limitações, a pesquisa se restringiu ao Projeto Paulo Freire de Desenvolvimento e Capacidades (PPF), projeto em parceria com o Governo do Estado do Ceará e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Os resultados sugerem que as cadernetas deram luz a importância das trocas e doações para o fortalecimento do tecido social local, além das vendas do excedente da produção como forma de contrinuição significativa na renda familiar. Essas conclusões foram possíveis a partir do desvelar e interpretação da ferramenta utilizada por essas mulheres, gerando a percepção do valor do seu trabalho na propriedade e na família, mesmo que seja demonstrado pouco entendimento sobre o feminismo ou a agroecologia, elas entendem que o objetivo das cadernetas contribui para a percepção do ganho monetário e social do seu trabalho. O artigo conclui que as cadernetas agroecológicas no recorte da pesquisa (PPF) contribui para a conquista de autonomia da mulher agricultora e a compreensão de sua importância para a unidade produtora e para a família, além de possibilitar acesso a mercados e canais de comercialização, ainda que locais e de proximidade.

Palavras-chave: Autonomia. Invisibilidade. Cuidado. Mercados. Cadeias curtas.

Abstract

This article analyzes the productive organization as a way to promote the autonomy of women farmers in the Cariri region of Ceará. The objective was to verify the results of agroecological booklets as a tool for access to marketing channels and the level of independence of the woman farmer. To carry out this article were analyzed spreadsheets from the Agroecology Books that represent the purpose and value of the production of eleven participants during a quarter. As a study cut, for convenience and limitations, the research was restricted to the Paulo Freire Project for Development and Capabilities (PPF), a project in partnership with the Government of the State of Ceará and the International Fund for Agricultural Development (IFAD). The results suggest that the booklets gave light to the importance of exchanges and donations for the strengthening of the local social fabric, in addition to sales of surplus production as a way of significant contribution in family income. These conclusions were possible from the unveiling and interpretation of the tool used by these women, generating the perception of the value of their work in property and family, even if little understanding about feminism or agroecology is demonstrated, they understand that the purpose of the booklets contributes to the perception of the monetary and social gain of their work. The article concludes that the agroecological booklets in the research (PPF) contributes to the achievement of autonomy of the female farmer and the understanding of its importance for the production unit and for the family, markets and marketing channels, even if local and proximity.

Key words: Autonomy. Invisibility. Care. Markets. Short chains.

1. Introdução

A agricultura familiar tem por característica a diversidade de produção em suas unidades familiares, além de grande processo de reprodução social, ou seja, os modos vivência e de produção tendo a família como protagonista. Destaca-se ainda que a agricultura familiar é uma das estratégias de geração de renda e desenvolvimento rural e regional de muitas comunidades brasileiras, as quais tem formas de organização, meios de vida e produção próprios (Demetrio; Ternoski; Gazolla, 2021). Nesse processo de produção e reprodução social dessa categoria social, é imperativo destacar o papel das mulheres rurais, apesar de ter sua participação enconberta e torna-se importante desvelar, descortinar suas ações. Contudo, as mulheres rurais sofrem com a desigualdade de gênero, que é expressa pela invisibilidade do trabalho reprodutivo e inferiorização de duas atividades produtivas, frequentemente caracterizadas como “ajuda” (Kempff; Wedig, 2019; Demetrio; Ternoski; Gazolla, 2021).

A invisibilidade do seu trabalho e as dificuldades de alcançar a independência financeira também são questões em aberto, não raro, relacionadas a permanência da violência doméstica (Carvalho; Schneide; Marques, 2021). Contudo, Heredia et al. (1984) afirma que “lugar do homem é no roçado, o lugar da mulher, mãe de família, é a casa. Nesse modelo patriarcal, as atividades desempenhadas pelas mulheres são “determinadas” pela divisão sexual do trabalho Para Teles (2018) a divisão sexual do trabalho tem dois princípios norteadores: a separação e a hierarquização, elementos centrais da sociedade patriarcal o primeiro se concretiza na afirmação de quem existem trabalhos de homens e mulheres; e o segundo, na afirmação de que os trabalhos dos homens têm maior valor do que os das mulheres. O mundo rural ainda é marcado pelo pouco protagonismo das mulheres nas organizações e nas decisões que se referem, por exemplo a produção (Carvalho; Schneide; Marques, 2021).

Para Favareto (2022) a visão da mulher como complementariedade, onde o trabalho seria compartilhado sobretudo quando se trata do ambiente produtivo, mas ainda persiste uma divisão de tarefas ancorada nos papéis sociais de gênero, ou seja, a hierarquia social prevalece

em favor dos homens. Já Ploeg (2006) indica que a divisão de propriedade, trabalho e renda costuma ser desigual entre os gêneros e, portanto, as relações de gênero podem ser um fato chave nas relações de produção.

Diante desse processo histórico de desigualdade de gênero no campo e da luta das mulheres rurais por visibilidade das suas ações produtivas e reprodutivas, a inquietação que se coloca nesse contexto é: como e de que forma as mulheres rurais contribuem com a economia familiar e como mensurar essa contribuição? A hipótese afirma que sim, as mulheres rurais contribuem nas mais diferentes atividades produtivas no interior da unidade de produção e tendo os quintais como espaço de protagonismo. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é refletir a produção das mulheres rurais a partir das anotações das cadernetas agroecológicas.

Assim, além dessa parte introdutória e considerações finais, o texto conta com uma breve reflexão sobre o desvelar da autonomia produtiva das mulheres rurais a partir das Cadernetas Agroecológicas, uma seção metodológica com os caminhos percorridos na pesquisa e uma seção de descrição dos dados e achados da pesquisa, ou seja, os resultados.

2. O desvelar da autonomia produtiva das mulheres rurais a partir das Cadernetas Agroecológicas

2.1 Autonomia Produtiva das Mulheres Rurais

A agricultura brasileira sempre foi desenvolvida em contextos de desigualdades e estabelecimento da monocultura, no Brasil desde o início da ocupação efetiva é preciso distinguir dois setores bem diferentes de produção. O primeiro é dos grande produtos para exportação, como açúcar, tabaco; o outro é das atividades acessórias, chamada de economia de subsistência como característica a produção de gêneros de consumo (Junior, 1993). Essas desigualdades entre grandes e médios produtores e pequenos sempre foram retroalimentadas e nesse contexto se perpetua as desigualdades de gênero.

No Brasil rural tem 15,64% da população brasileira de acordo com IBGE (2010), as mulheres rurais representam 47% desse total e chefiam 25% dos domicílios, e essas mulheres, lideram 19% dos estabelecimentos rurais (IBGE, 2010; FIDA, 2021). E nesses espaços chefiados por mulheres há indicativos de maior índice de pobreza, de acordo com (Costa, 2022), a fome era maior nos lares chefiados por mulheres (11,1%), ou quando era uma pessoa preta ou parda (10,7%), ou ainda quando a escolaridade era inferior a oito anos de estudo (14,7%). É sabido que a fome é uma condição persistente na vida das mulheres, especialmente das mulheres rurais, e nesse contexto ainda existente uma parcela importante do trabalho e da riqueza gerada pelas agricultoras que fica invisível à sociedade, em função da abordagem hegemônica da economia que oculta as atividades não mercantis praticadas por essas mulheres (FIDA, 2020).

De acordo com o Esplar (2014) “a produção das mulheres nem sempre é reconhecida como resultado de seu trabalho”. Nesse sentido, isso não significa que as mulheres sejam ausentes do trabalho Zanetti e Menasche (2017). As mulheres passaram a reivindicar os seus espaços na família, a buscar mais acesso a mercados e feiras para a venda de sua produção e a reivindicar o acesso a políticas públicas muitas vezes restritas aos “chefes de família” homens. Essa prática também se constitui como uma estratégia importante para a autonomia das famílias e, neste caso, o princípio da reciprocidade manifesta-se fortemente na relação de troca mercantil (Telles, 2018).

Em muitos casos, embora as mulheres estejam participando diretamente na produção, a comercialização dos produtos da agricultura familiar ainda é feita com o Cadastro de Pessoa Física (CPF) do homem (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2011, p. 13; FIDA, 2020, p. 22). Isso reitera que, as agricultoras têm, em geral, dificuldades de participar da comercialização, em função de suas atribuições de gênero (SILIPRANDI; CINTRÃO, 2011, p. 13; FIDA, 2020, p. 22).

Portanto, é importante refletir sobre esse longo caminho que as mulheres têm para alcançar a autonomia, aumentar a renda e acessar mais e melhores canais de comercialização e mercados, de acordo com Brandão et al. (2020) “caminho percorrido desde a produção até chegar ao consumidor final, o que é representado pelos canais de comercialização”.

Para tanto, se a comercialização é a representação monetária mais expressiva, é importante compreender quais os canais de comercialização e mercados essas agricultoras têm alcançado. Esta identificação de uma vitalidade insólita em mercados de proximidade. Compreende os Mercados de proximidade (MP), que apresentam restrições quanto ao alcance espacial e estão bastante ligados ao contexto local. Além disso, verifica-se uma imersão das trocas em relações sociais de reciprocidade e interconhecimento, de forma que a confiança e amizade dominam a regulação das relações sociais estabelecidas (BRANDÃO et al., 2020).

Nesse sentido, torna-se hoje a base de políticas mais ambiciosas de dinamização econômica, a partir da noção de território onde se espera gerar circuitos locais para retroalimentar a demanda e novos investimentos (Wilkinson, 2002).

De todo modo, a problematização dos mercados e a discussão sobre a inserção dos agricultores familiares ainda gera um certo desconforto e inquietude, especialmente por parte daqueles que percebem os mercados como sinônimo de capitalismo ou de economia de mercado (SCHNEIDER, 2016, P. 94).

Se existe um desconforto sobre a inserção dos agricultores familiares para acessar canais de comercialização e mercados, o desafio é maior para as mulheres agricultoras, pois transição social voltada para a emancipação necessita articular diferentes formas de acesso ao mercado e de proteção social, o que requer, por sua vez, diferentes tipos e níveis de solidariedade que se inserem de maneira complexa ao processo econômico (Rody; Thalita; Telles, 2021). O acesso a mercados pode ser uma importante forma de emancipação das mulheres através da autonomia política e financeira, e expressam demandas por políticas públicas de produção e comercialização que assegurem a igualdade nas relações de gênero (Mota; Siliprandi; Pacheco, 2021).

Entretanto, a situação da mulher na agricultura mostra que, enquanto os homens são considerados responsáveis pela produção destinada à venda, as mulheres competem realizar atividades como cuidar da casa, preparar refeições e cuidar da horta, bem como da criação dos pequenos animais (Brumer, 2004; Zanetti; Menasche, 2017). Ainda nesse sentido, Zanetti e Menasche (2017) aponta que ainda compete as mulheres o cuidado com as pequenas lavouras destinadas à produção de alimentos voltados para o autoconsumo, além de cuidar dos filhos e idosos.

Ao que se consta, segundo a teoria psicossocial, a identidade das mulheres é afetada pela multiplicidade de papéis que são interpretados no decorrer do ciclo vital, por exemplo, o papel de filha, esposa e mãe. Estes papéis desempenhados com influência do ambiente social, moldam a visão de valor individual, conforme o nível de correspondência ao modelo apresentado (Paiva, 2007; Verissimo, 2002; Demetrio; Ternoski; Gazolla, 2021). Esses papéis, historicamente atribuídos as mulheres “é ligada à reprodução das desigualdades de gênero”.

Ela corresponde a arranjos que favorecem a reprodução da pobreza, das desigualdades de renda” Biroli e Miguel (2021). O acesso ao mercado é uma ação importante para o protagonismo das mulheres agricultoras na esfera pública e na renda. Há um amplo leque de

contribuições feitas pelas mulheres que simplesmente não são reconhecidos como trabalho e, portanto, não são contabilizadas dentro da lógica mercantil que rege os mercados formais. Nesse sentido, os espaços ocupados pelas mulheres aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição àqueles espaços onde os homens estão presentes (Lopes Neto, 2015).

2.2 Cadernetas Agroecológicas

A Caderneta Agroecológica é um instrumento de mensuração que objetiva visibilizar e conhecer/sistematizar a contribuição das mulheres rurais para economia familiar, colaborando para a promoção da autonomia das agricultoras, a segurança alimentar e nutricional, saúde e renda para as famílias rurais.

Deve ser entendida como recurso a ser apropriado pelas mulheres, possibilitando assim, que as mesmas reconheçam sua contribuição à economia familiar de forma mais ampla e diversa e que, desconstrói a lógica do patriarcado do capitalismo em vigência em que as mulheres são vistas como “meras ajudantes”.

Construída em um formato de fácil entendimento, a caderneta organiza informações sobre a produção das mulheres rurais. Nela contempla informações do que foi vendido, doado, trocado e o que foi consumido, de tudo o que é cultivado nos espaços de domínio das mulheres nas unidades produtivas da agricultura familiar ou o que foi produzido por elas, como o artesanato e o beneficiamento, por exemplo.

Também, buscar descortinar os mercados acessados por essas mulheres rurais, é importante para valorar sua participação econômica monetária, valorização da autoestima, bem como o sentido da ação na esfera pública. Pode-se compreender os canais de comercialização, que é conhecer o caminho percorrido desde a produção até chegar ao consumidor final, e os mercados acessados (BRANDÃO et al, 2020). Além dessas dimensões, a pesquisa buscará refletir sobre os principais produtos comercializados pelas agricultoras, quem compra, quais agentes envolvidos na mediação dos mercados, usando como fonte de análise as planilhas anotadas na Caderneta Agroecológica, e buscar compreender qual a contribuição que o instrumento traz para essas mulheres e sua organização econômica, social e política. Ainda, busca compreender os sentimentos apreendidos por essas agricultoras a partir das planilhas oriundas da produção e comercialização das mesmas.

Metodologia

A pesquisa é de caráter misto com aplicação de métodos quantitativos e qualitativos com análise estatística não probabilística e amostragem por conveniência, considerando as mulheres agricultoras com perfil produtivo ou com potencial para a inclusão produtiva. Esse estudo se concentra em analisar dados secundários a partir das anotações de mulheres rurais no Instrumento Cadernetas Agroecológicas, assim, para realizar esta análise foram coletados dados secundários de 11 Cadernetas agroecológicas das mulheres rurais, o levantamento foi realizado no período entre outubro e dezembro de 2020 com as mulheres rurais do Projeto Paulo Freire, FIDA e Governo do Estado do Ceará.

As 11 cadernetas agroecológicas analisadas nesse estudo foram preenchidas por mulheres rurais e correspondem a um trimestre, ou seja, 3 meses, e foi utilizado a análise

documental como elemento principal por se tratar de tratamento dos dados e por se tratar de coleta secundária de dados.

O documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente reciosa para o pesquisador, ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição (Cellard, 2015). A análise documental é uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, sua consulta e referência (Bardin, 1977).

A análise documental apresenta algumas vantagens significativas, trata-se de um método de coleta de dados que elimina ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador (Cellard, 2015). Para Bardin (1977), enquanto tratamento da informação contida nos documentos acumulados, a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação.

Graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades e práticas (Tremblay, 1968; Cellard, 2015). A análise documental permite passar de um documento primário (em bruto) para um documento secundário (representação do primeiro), portanto, o objetivo é a representação condensada da informação para consulta (Bardin, 1977).

O Cenário o qual as mulheres rurais estão inseridas nesse levantamento é o Cariri Cearense. Para fins de tratamento dos dados, o Instrumento Caderneta Agroecológica é composta por 4 colunas, que traz anotações sobre consumo, doação, trocas e vendas.

4 Resultados e Discussão

4.1 As doações, trocas e a reciprocidade

Mediante dados coletados a partir das anotações das Cadernetas Agroecológicas realizadas pelas mulheres rurais, observou-se que nas operações de doação estão presentes os seguintes produtos: coentro, cebolinha, desinfetante, sequilhos, macaxeira, manga, corral, leite, ovos, abóbora, tomate cereja, bata doce e seriguela. Nas trocas, estão presentes, queijo, leite, goma, macaxeira, jerimum e cheiro verde. Além da renda monetária, muitos autores ressaltam o papel da reciprocidade, das redes de solidariedade e das organizações sociais para sustentar o tecido camponês (Sabourin, 2009). Induz que os grupos de mulheres se organizam também na legalização das suas trocas comerciais. Em relação a troca ainda é uma ação pouco praticada como indica o gráfico abaixo, e que vem sendo estimulada através da Assistência Técnica e Extensão rural como relações solidárias.

Carrasco (2013), Fida (2020) indicam que, a prática da doação e troca é essencial para o fortalecimento do tecido social dos territórios e, promove um deslocamento do eixo e do objetivo social e econômico, e provoca mudanças de paradigmas. Os indicadores usualmente utilizados para representar e comparar o mundo do trabalho e a riqueza produzida não consideram as mulheres como sujeitos econômicos e sociais ativos (Hora; Nobre; Butto, 2021).

4.2. Autoconsumo, segurança e soberania alimentar como substantivo feminino

As anotações das cadernetas têm mostrado que, a produção das mulheres é de fundamental importância para o autoconsumo, comercialização e movimentação da economia local na própria comunidade e manipula uma base de relações locais além do autocontrole produtivo, de consumo e comercialização. Com este acompanhamento consegue-se verificar o

impacto da produção destas mulheres na renda familiar. Os principais produtos para o autoconsumo são: Feijão, ovo, leite, farinha, galinha e cheiro verde.

A soberania e a segurança alimentar têm sido consideradas fundamentais aos países do Sul Global por proporcionarem maior autonomia econômica, social, ambiental etc, em que para ser livre, um povo precisa ser soberano, o que passa, necessariamente, pela alimentação e pela saúde (Scalabrín et al., 2021). Todavia, seja como for, o fato é que a compreensão das características e do significado da produção para auto abastecimento da família do próprio estabelecimento continua a ser um tema pouco estudado cuja importância para a segurança alimentar (Gazzolla; Schneider, 2007).

Se discute se é possível, a partir da ferramenta Caderneta Agroecológica indicar esse protagonismo das mulheres e corroborar que, os quintais são espaços onde as mesmas tem maior destaque e que ocorre a produção onde a família utiliza para o autoconsumo e outras ações de reprodução social. Neste sentido, destaca que:

A importância que os quintais assumem em cada casa tem a ver também com a situação socioeconômica das famílias, com os estilos de produção, se mais voltados para o autoconsumo ou para comercialização, com diferenças identitárias e de hábitos alimentares e com a participação das mulheres na produção de alimentos. Nesses casos, as mulheres precisam dar conta da alimentação da família e recorrem aos quintais como local de produção de alimentos. Ali, podem criar galinhas e porcos, ter um pequeno plantio de macaxeira e feijão, podem ter árvores frutíferas, hortaliças, plantas medicinais, etc (Carvalho; Schwade; Marques, 2021, P. 164).

A Cardeneta agroecológica além de descortinar essa produção para o autoconsumo, importante para as famílias e que traz a importância de evidenciar esse trabalho das mulheres para a economia familiar e segurança alimentar, também reforça a importância dos quintais, espaços produtivos que tem as mulheres rurais como protagonistas para essa produção para o autoconsumo como indica Carvalho, Schwade e Marques (2021), o quintal é, muitas vezes, importante local de produção de alimentos, sejam frutas, raízes, hortaliças ou plantas medicinais, além da criação de pequenos animais. E onde se fazem experimentos e adaptações de novas espécies de plantas e se organizam os materiais necessários para a produção.

A importância que os quintais assumem em cada casa tem a ver também com a situação socioeconômica das famílias, com os estilos de produção, se mais voltados para o autoconsumo ou para comercialização, com diferenças identitárias e de hábitos alimentares e com a participação das mulheres na produção de alimentos. (Menasche et al., 2008). A produção objetiva primeiramente a subsistência para garantir a segurança alimentar e posteriormente a comercialização do excedente, na busca de renda (Woortmann, 2007; Mota; Siliprandi; Pacheco, 2021).

4.3 Comercialização

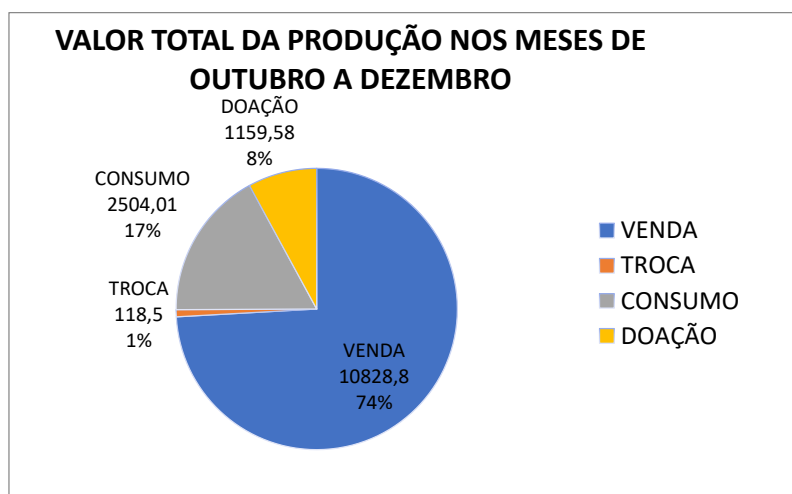
No tocante a comercialização o milho, feijão, fava, banana, ovos, frangos, suínos, andú, bolos, salgados, goma, doces, pão de ló, coco, detergente, desinfetante, além de cheiro verde, bolo (vários tipos), corral, farinha, acerola, nata, milho, sabão, cebolinha, tomate cereja, pamonha, mamão e goiaba. Porém, a mensuração dos dados indica uma relevante contribuição das mulheres para a economia familiar e local como indica o gráfico abaixo. Entretanto, a situação da mulher na agricultura mostra que, enquanto os homens são considerados responsáveis pela produção destinada à venda, as mulheres competem realizar atividades como cuidar da casa, preparar refeições e cuidar da horta, bem como da criação dos pequenos animais (Brumer, 2004; Zanetti; Menasche, 2017). Ainda nesse sentido, Zanetti e Menasche (2017)

aponta que ainda compete as mulheres o cuidado com as pequenas lavouras destinadas à produção de alimentos voltados para o autoconsumo, além de cuidar dos filhos e idosos.

Para tanto, se a comercialização é a representação monetária mais expressiva, é importante compreender quais os canais de comercialização e mercados essas agricultoras têm alcançado. Esta identificação de uma vitalidade insólita em mercados de proximidade. Compreende os Mercados de proximidade (MP), os que apresentam restrições quanto ao alcance espacial e estão bastante ligados ao contexto local. Além disso, verifica-se uma imersão das trocas em relações sociais de reciprocidade e interconhecimento, de forma que a confiança e amizade dominam a regulação das relações sociais estabelecidas (brandão et al., 2020).

Neste mesmo período de outubro a dezembro, calculou-se uma movimentação financeira total (entre venda, troca, doação e consumo) de R\$ **14.610,89** (Quatorze mil seiscentos e dez reais e oitenta e nove centavos) para todas aquelas que utilizaram da Caderneta Agroecológica.

Diante desses dados, os principais itens que são produzidos em maior quantidade pelas agricultoras são: banana, frango, ovos, bolos, milho, fava, doces e bolos. Já os itens mais rentáveis são: frango, banana e milho. Como se pode ver no gráfico abaixo, os valores obtidos na venda de produtos e o autoconsumo são os principais indicadores que constata o protagonismo das trabalhadoras rurais na economia familiar, tanto na renda monetária quanto não monetária.



Fonte: autores (2023).

Esta importância financeira não era mensurada nem reconhecida, pelas mesmas e pela família antes da implementação da caderneta. Todos esses dados, demonstram a importância e o impacto que as cadernetas trazem para a vida das mulheres ao desvelar seu trabalho, para a autonomia das mulheres, para segurança alimentar dos familiares, além da importância de sistematizar e publicitar a produção das mulheres.

É imprescindível aferir as relações econômicas e não econômicas, ter a percepção dos canais de comercialização, dos principais produtos da agricultura familiar para consumo e comercialização e, apesar de já enxergarmos números significantes que nem mesmos eram levados em consideração, precisamos dar continuidade ao acompanhamento das cadernetas, pois essa diversidade produtiva é mais visível nos quintais onde este é um espaço de protagonismo das mulheres agricultoras. A cada espaço de produção em cada microterritório

apresenta um pequeno agroecossistema produtivo e assim o processo de anotação é, antes de tudo, um processo de autoconhecimento da unidade de produção bem como, um processo de reconhecimento das mulheres agricultoras.

5. Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi analisar a contribuição das mulheres rurais na renda e nos processos de doação, autoconsumo, trocas e comercialização a partir das suas anotações nas cadernetas agroecológicas. A percepção do valor do seu trabalho na propriedade e na família elevaram a autoestima e a consciência de direitos, mesmo que, os percentuais demonstrem pouco entendimento do feminismo ou da agroecologia a totalidade das respondentes entendem o rumo e a centralidade do objetivo das cadernetas, *per si*, é um benefício que contribui para a produção e comercialização do fruto de seu trabalho que “financia” sua autonomia. Assim, ao analisar a trajetória das mulheres das cadernetas é possível vislumbrar a partir das anotações e sistematização desses dados, que pode sugerir um horizonte de maior inserção das mesmas em todos os espaços, na autonomia a partir da renda, uma maior inserção nos mercados institucionais que ainda é baixa e ampliar os canais acessados. Além dessas dimensões, a pesquisa buscou refletir sobre os principais produtos comercializados pelas agricultoras, quem compra, quais agentes envolvidos na mediação dos mercados, usando como fonte análise as planilhas anotadas na Caderneta Agroecológica, e buscar compreender qual a contribuição que o instrumento traz para essas mulheres e sua organização econômica, social e política. Ainda, compreender os sentimentos apreendidos por essas agricultoras a partir das planilhas oriundas da produção e comercialização das mesmas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 12.188/2010, publicada no Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 jan. 2010. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=12/01/2010>. Acesso em: 20 Jan. 2023.

BISSOLI, MWL; THIES, V. F. Empoderamento feminino e sociobiodiversidade do Cerrado brasileiro: o caso das mulheres agricultoras de Anastácio-MS. **Sistemas alimentares no século XXI: debates contemporâneos. Porto Alegre: Editora Ufrgs**, p. 279-289, 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOESSIO, Amábile Tolio et al. **Gênero, performance e experiência: um descortinar da pesquisa em contextos rurais mediada por afetos**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

Brandão, Janaína Balk et al. (2020). Os mercados de hortifrúti em Santa Maria (RS) - um estudo sobre os tipos de produtores e os canais de comercialização. *Redes* (St. Cruz Sul, Online), Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 433-460.

CARDANO, Mario. Manual de pesquisa qualitativa. **Uma contribuição da teoria da argumentação Petrópolis: Vozes**, 2017.

Caderneta agroecológica: **o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas** / organização Thalita Rody, Liliam Telles. -- Viçosa, MG: Editora Asa Pequena, 2021.

CARVALHO, Luna Dalla Rosa; SCHWADE, Elisete. Gênero, territorialidades e agroecologia: experiências de mulheres assentadas. **Soberania alimentar**, p. 151.

CARDOSO, E. et al. **Guia Metodológico da caderneta agroecológica**. – Recife: FIDA, 2019.

COSTA, Juliana de Almeida et al. **Mulheres rurais e plantas medicinais: saberes, socialidades e autonomia feminina**. 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70. 1979.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michéle. O delineamento de pesquisa qualitativa. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, p. 127-53, 2008.

DEMETRIO, Milena; TERNOSKI, Simão; GAZOLLA, Marcio. PERCEPÇÕES SOBRE O EMPODERAMENTO SOCIOECONÔMICO E PSICOSSOCIAL DE AGRICULTORAS PARTICIPANTES DE CADEIAS CURTAS ALIMENTARES. **Revista Grifos**, v. 30, n. 54, p. 30-52, 2021.

NEVES, Delma Pessanha. **Desenvolvimento social e mediadores políticos**. UFRGS Editora, 2008.

DE LACERDA, Tamara Rangel; LEAL, Ione Oliveira Jatobá. FEMINISMO E AGROECOLOGIA EM PRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS PARA O EMPODERAMENTO DAS MULHERES AGRICULTORAS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

FACCIN, Rodrigo Duarte et al. O trabalho de mulheres assentadas: descortinando desigualdades. 2016.

FARIA, Nalu; MORENO, Renata. Análises feministas: outro olhar sobre a economia ea ecologia. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista (SOF), 2012.

Ferreira, Kássia Barros, et al. "CADERNETAS AGROECOLÓGICAS E FEMINISMO: PRODUZINDO VISIBILIDADE AO TRABALHO DAS AGRICULTORAS E EXTRATIVISTAS DA AMAZÔNIA PARAENSE." **AGROECOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA UMA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL-VOLUME 4** 4.1 (2021): 192-204.

FIDA, Roma Italia et al. Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido: de mãos dadas fortalecendo a agroecologia resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020.

FILIPAK, Alexandra. Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista no IFSP/Matão. **Cogitare**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2019.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GRISA, Catia; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A " produção invisível" na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, v. 16, n. 31, p. 65-79, 2010.

GODOI, Emília Pietrafesa de; AGUIAR, Vilênia V. Porto. Mulheres e territórios vividos em contextos rurais: um olhar sobre a política de desenvolvimento territorial. **Cadernos pagu**, 2018.

GROULX, Lionel-H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. **POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, p. 98-124, 2008.

Hirata, H., & Kergoat, D (2008). A divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França e Japão. In A. O. Costa, B. Sorj, C. Bruschini & H. Hirata (Orgs.), *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp. 263-278). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Hirata, Helena et al. (2009). (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In.: POUPART, Jean et al (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 254-293, 2008.

JALIL, Laeticia; SILVA, Luana Cristine; OLIVEIRA, Jannah. Caderneta agroecológica: A contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 15, p. 98-125, 2019.

Lacerda, Tamara Rangel de & Leal, Ione Oliveira Jotobá (2021). Feminismo e Agroecologia para o empoderamento das mulheres agricultoras. Convergências e divergências: Mulheres, feminismos e agroecologia. *Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 - Diálogos Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia - v. 16, n 1.

LOPES NETO, Antônio Augusto; LOPES, Isabel; CARDOSO, Elisabeth; FEITAL, Auxiliadora. Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3. 2015b.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. Jovens Mulheres Rurais: tessituras de diferenciados projetos profissionais. In: COSTA, Cassiane da; MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (Orgs.). *Gênero e Campesinato no Sul do Brasil*. 1. ed. Curitiba (PR): CRV, 2018.

MENASCHE, R.; MARQUES, F. C.; ZANETTI, C. Autoconsumo e segurança alimentar: agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. *Revista Nutrição*, v. 21, p. 145s-158s, jul./ago. 2008. Suplemento. DOI: 10.1590/ S1415-52732008000700013.

MUNDUBAT. Ecofeminismos rurales: mujeres por la soberanía alimentaria. *Revista Soberanía Alimentaria y Culturas*, oct. 2012.

HORA, Karla; NOBRE, Miriam; BUTTO, Andrea. As mulheres no censo agropecuário 2017. **Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA): Friedrich Ebert Stiftung**, 2021.

Nanes, G.; Quadros, M.; Zarias, A. (2017). WID, WAD e GAD: uma introdução ao debate sobre Mulheres, Gênero e Desenvolvimento. In: Santos, D. A. dos; Cardoso, M. G. C.; Scott, P. (Orgs.). *Gênero, Diferenças e Desigualdades, Políticas Públicas e Desenvolvimento: Algumas Leituras Fundamentais*. Recife: Edufpe, pp.17-45.

NA PONTA DO LÁPIS. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 de fevereiro de 2022. Disponível em: < <https://www.uol.com.br>>. Acesso em: 10, fevereiro de 2022.

NEUMANN, P. S.; DALBIANCO, V. P. Reforma agrária e a atuação do estado na oferta de serviços de assistência técnica e extensão rural para assentados. **Extensão rural no contexto do pluralismo institucional: reflexões a partir dos serviços de ATES aos assentamentos da reforma agrária no RS. Ijuí: Ed. Unijuí**, p. 83-104, 2012.

Nobre, M. (2012). Censo Agropecuário 2006 – Brasil: uma análise de gênero. In A. Butto, I. Dantas & K. Hora (Orgs.). *As mulheres nas estatísticas agropecuárias: experiências em países do Sul* (pp. 41-118). Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa. **Enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008.

PIRES, Álvaro P. Amostragem. pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. **POUPART, Jean (et. al). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, p. 154-211, 2008.

PIANA, Maria Cristina. A pesquisa de campo. **São Paulo: Editora Unesp**, 2009.

PLOEG, J. D. V (2006). *O modo de produção camponês revisitado. A diversidade da agricultura familiar*, p. 13-54. Porto Alegre: Editora da UFRGS (Estudos Rurais).

PREISS, Potira Viegas; SCHNEIDER, Sergio. Sistemas alimentares no Século XXI: debates contemporâneos. 2020.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologiado desenvolvimento. **Sociologias**, v. 13, n. 27, p. 24-51, 2011.

SENA, Francisca Maria Rodrigues. Gênero, raça e etnia no Projeto Paulo Freire: fundamentos e práticas. 2022.

SCOTT, Russell Parry. Projetos de desenvolvimento e o disciplinamento de mulheres no tempo e no espaço. **cadernos pagu**, 2018.

SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion. Desenvolvimento, poder, gênero e feminismo. **cadernos pagu**, 2018.

SILIPRANDI, E. C. Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

Schneider, S (2016). Agricultura Familiar e Mercados. In: MARQUES, F. C.; CONTERATO, M. A. & SCHNEIDER, S. (Org.) *Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural*. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, p, 416.

SOUSA, Diego Neves de; PÔRTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças. Os desafios da atuação dos mediadores sociais na ATER para inovação e inclusão produtiva de agricultores familiares no Estado do Tocantins. *Interações (Campo Grande)*, v. 23, p. 539-553, 2022.

TELLES, Liliam. Desvelando a economia invisível das agricultoras agroecológicas: a experiência das mulheres de Barra do Turvo, SP. 2018.

TELLES, Liliam; ALVARENGA, Camila; CASTRO, Nayara. Caderneta Agroecológica: uma perspectiva feminista sobre a economia das agricultoras de Barra do Turvo, SP. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; GERMANI, Alessandra Regina Müller; DOS SANTOS RONCATO, Patrícia Eveline. Questões de gênero no mundo rural e na extensão rural brasileira. **Alamedas**, v. 4, n. 1, 2016.

Wilkinson, J (2008). *O estado, a agricultura e a pequena produção* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 229.

PEIXOTO, Marcus. Extensão rural no Brasil: uma abordagem histórica da legislação. Senado Federal, Consultoria Legislativa, 2008.

RODY, T.; TELLES, L. Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas. 2021.